



4359 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

A emergência de uma educação escolar quilombola para a juventude da comunidade remanescente de quilombos Paratibe-PB
Clédia Inês Matos Veras - UFC - Universidade Federal do Ceará
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

Resumo

Este artigo apresenta as primeiras impressões de uma pesquisa de doutorado em educação com o objetivo de investigar como a juventude estudante expressa a sua cultura no espaço da Escola Municipal Antônia do Socorro Silva Machado, na comunidade de Paratibe em João Pessoa. É uma pesquisa qualitativa, que a partir da pesquisa de campo retrata por descrição o diário de campo, de observações participantes e entrevistas. Fundamentam essa pesquisa uma pedagogia Decolonial com Fanon, Freire, Figueiredo, Wash, Candau; nos estudos de juventude temos Sales (2003 e 2016), Carrano (2003), Arce (1999) e Pais (1993), que trazem uma contribuição teórica para compreender quem são estes jovens e como estão reelaborando a sua existência e para a discussão de educação escolar quilombola estamos trazendo as contribuições de Silva (2014), Soares (2012), Cunha (2012), entre eles Munanga (2003). Os primeiros resultados apontam que uma escola diferenciada conhece seus sujeitos e fortalece neles sua cultura e identidade.

Palavras – Chave: Juventude, expressões culturais, educação escolar quilombola

Introdução

Este artigo apresenta reflexões iniciais da pesquisa em desenvolvimento de doutorado em Educação, financiada pelo CNPQ, teve como motivação inicial investigar como a juventude estudante expressa sua cultura e seu pertencimento a comunidade remanescente de quilombo através das práticas educativas da Escola Municipal Antônia do Socorro Silva Machado, localizada no município de João Pessoa-PB. A escola, por estar situada em um território quilombola que já faz parte da periferia de João Pessoa, atende estudantes da comunidade negra de Paratibe e dos bairros vizinhos, e busca desenvolver um projeto político-pedagógico voltado para a cultura afro-brasileira. Diante do PPP surgem algumas questões: Como a juventude estudante dessa escola vem expressando sua cultura? O que significa ser negro/negra para esses estudantes? A tais perguntas, buscaremos tecer respostas ao longo da pesquisa junto a fundamentação teórica com foco nas categorias: colonialidade do ser; expressões culturais da juventude; e educação escolar quilombola.

Os estudos Decoloniais que fundamentam a pesquisa, mas nem todos estão contemplados neste texto, foram tecidos a partir de Catherine Wash (2009), Fanon (1970, 2008), Quijano(2005), Candau (2010), Freire (1987 e 2014) e Figueiredo (2009, 2012, 2016). Já para as investigações sobre juventude, temos em destaque a literatura de Sales (2003 e 2016), Carrano (2003), Arce (1999) e Pais (1993), que trazem uma contribuição teórica para compreender quem são estes jovens e como estão reelaborando a sua existência. Por fim, na discussão de educação escolar quilombola estamos trazendo as pesquisas de Silva (2014), Soares (2012), Cunha (2012), entre eles Munanga (2003) para ampliar o diálogo com as entrevistas e observações da pesquisa de campo.

Pesquisar essa temática é desafiador, pois traz para o meio acadêmico a discussão de um tema polêmico, que é autoidentificação da juventude como quilombola. Como vive a comunidade remanescente de quilombo na área urbana de João Pessoa e como esse território já se transformou em periferia. Embora seja fulcral entender o vínculo com território para as comunidades quilombolas, esta pesquisa percorre um caminho mais subjetivo de entender como a invisibilidade desse território pode afetar a autoestima da juventude estudante ao ponto de interferir na sua autodefinição como negro.

Desenvolvimento

Como a juventude vive e expressa a cultura e o pertencimento da comunidade remanescente do quilombo de Paratibe? Esse é o objetivo que vai guiar a caminhada metodológica, para apresentar as primeiras reflexões do que representa ser negro/ser quilombola na vida deles. No entanto, é preciso compreender a contextualização desse território e como surgiu essa comunidade para conhecermos a origem dessa geração.

A comunidade negra remanescente de quilombos de Paratibe, viveu por mais de 200 anos neste local sem saber ou entender o que seria um quilombo, segundo relatos de antigos moradores e da presidente da Associação Quilombola que relatou em entrevista. (NASCIMENTO, 2010).

A trajetória de negação da comunidade negra de Paratibe e a constatação da existência de comunidades remanescentes de quilombos também se confirma na pesquisa de Costa (2016). Essa pesquisadora destaca que a visibilidade do território quilombola se deu a partir de 2003, durante o governo Lula, o que revela um caráter de atenção não considerado antes, desconhecido inclusive pelas famílias, dificultando o autorreconhecimento das pessoas como remanescentes de quilombos.

Segundo Carvalho (2016, p. 2):

Terras quilombolas são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação, a trajetória cultural desses povos remanescentes de escravos, tendo a regularização fundiária garantida pela Constituição Federal de 1988.

A comunidade negra de Paratibe teve certificação do território pela Fundação Cultural Palmares como quilombola, possibilitando a realização de um estudo para a elaboração de um relatório antropológico de caracterização histórica, econômica, ambiental e sociocultural da comunidade, publicado em 2012 pela antropóloga do INCRA Maria Ronízia Pereira Gonçalves.

A partir desse documento, outros olhares surgiram para a comunidade, inclusive a garantia de políticas públicas para quilombolas na saúde e educação, como o suporte de atendimento médico e assegurar o acesso das crianças e jovens da comunidade a escola.

A constatação de que a comunidade é remanescente de quilombos, despertou, na liderança comunitária e em algumas pessoas da gestão da Escola Antônia do Socorro Silva Machado que estão envolvidas desde os primeiros tijolos, a necessidade de repensar as práticas pedagógicas de como trabalhar com os estudantes de uma comunidade que foi tanto tempo esquecida.

Segundo relatos da diretora da unidade, professora Jandira Pontes, quando iniciou suas atividades na escola desde 1988, em entrevista a Gonçalves (2012), a fundação ocorreu em abril de 1972 e inicialmente atendia 100 estudantes de Paratibe e Mussumagro. Sobre estes contou que: "a maioria era negra e eles tinham complexo com eles mesmos, só tinham apelido, então a gente orientava a chamar pelo nome, fazia um trabalho de autoestima com os alunos."

Partindo dessa negação do ser, anulação de si por vergonha, ou sentimento de inferioridade gerado por preconceito de raça, é que a escola pode ser um espaço de valorização da cultura e da identidade ou de preconceito. No entanto, o terreno fértil para esse tipo de semente precisa ser preparado e adubado com uma pedagogia antirracista, em que a escola deixe ser padronizadora e homogeneizadora de saberes e cultura.

Na construção de uma educação quilombola, existe outra lógica de se relacionar, advinda da cultura afrobrasileira. Esses valores que orientam suas relações nos fazem refletir sobre as relações históricas de opressão e desumanização para desconstruir uma ideia interiorizada de que os oprimidos são primitivos e inferiores e, portanto, não tem autonomia.

Fanon (1979, p. 26) afirma que: "A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda viva da história. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é na verdade, criação de homens novos."

Entender algumas questões da colonialidade, implica refletir sobre nossas ações e como estas são percebidas pela sociedade. Como o racismo afeta diretamente na autoestima das pessoas negras? Podemos dizer que na escola negros e brancos aprendem de maneira diferente ou de como são estimulados? Como a colonialidade do ser nega a existência dessas pessoas? São perguntas que iremos desenvolver, partindo de teóricos que explicam culturalmente como nosso olhar e nosso comportamento é imposto pela cultura eurocêntrica.

Entre os desafios da educação, a escola deve ser socializadora e ter uma perspectiva multicultural. Quando a escola se ajusta ao mercado, para fabricar o sujeito moderno, ela entra em crise. Concordo com Veiga Neto (2003), que a escola está em crise porque percebemos o quanto ela está desenraizada da sociedade. Nesse sentido, precisamos compreender o que somos para saber o que queremos.

A nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do "outro" ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do "outro" também se dão no plano das representações e no imaginário social. Neste sentido o debate multicultural na América Latina nos coloca diante da nossa própria formação histórica, da pergunta sobre como nos construímos socioculturalmente, o que negamos e silenciemos, o que afirmamos, valorizamos e integramos na cultura hegemônica. (CANDAUI, 2008, P.17)

Vamos identificando a dificuldade dos estudantes de se autoafirmarem negros, justamente porque fomos programados para valorizar a cultura hegemônica e apagar nossas raízes. Percebemos que essas crianças já carregam o sentimento de inferioridade, inconscientemente querendo negar suas raízes. A própria comunidade incorpora o preconceito entre si, resultante de um processo de desumanização que afeta sua auto imagem, seu auto reconhecimento, fortemente marcado por desigualdades sociais esse grupo vem resistindo a exclusão, que é um dos tipos de violência, além do racismo. E refletindo como a colonialidade desumaniza, subalterniza a existência do oprimido, que pretendo investigar como a consciência colonizada afeta no auto reconhecimento da juventude como remanescente de quilombo.

Percurso Metodológico

Responder a essas questões diante de subjetividades do universo de crenças, valores, culturas, comportamentos e relações humanas requer do investigador uma aproximação do lócus de estudo, através de uma investigação qualitativa, de cunho descritivo. É na interação do que já sabemos com o que vamos encontrando pelo caminho da pesquisa que esta vai se constituindo. Por isso enfatizar que a investigação qualitativa, nas palavras de Bogdan e Biklen (1994, p.49) "exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo."

Diante de uma pesquisa ainda em andamento, vou apresentar o que já percorri para apresentar o que encontrei e o que ainda falta para a concluir a tese. Tive aproximação com a escola em outro momento de estudo quando iniciei minhas observações das práticas pedagógicas dos professores(as) da escola, presenciei alguns eventos da escola relacionado a cultura afrodescendente, pude observar os momentos de descontração (recreio) dos estudantes para ir construindo um diário de campo, atenta a detalhes e à leitura de mundo que nos constitui. Por isso, para Duarte (2002, p.140), "a pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados."

Para conhecer essa realidade fomos às fontes documentais, como o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território que contém todo o estudo antropológico da comunidade de Paratibe. Fiz um levantamento das publicações científicas sobre a escola e a comunidade de Paratibe, com dados de pesquisas anteriores que nos dão pistas de onde percorrer para dizer o que ainda não foi dito; realizei algumas entrevistas, mas ainda falta entrevistar os estudantes do 9º ano que são da comunidade remanescente de quilombos para compreendermos a partir das impressões deles o que é ser jovem negro(a). O diário de campo também vai se constituindo de observações nas formações dos professores, nas visitas que faço a escola e a comunidade, como também nos eventos acadêmicos que tratam a temática.

Resultados e Discussões parciais

As comunidades quilombolas existentes ao longo no nosso território brasileiro ainda são muito discriminadas e estão em ameaça constante de seus direitos. A realidade da juventude da comunidade remanescente de quilombos de Paratibe é que eles cresceram sem referência de identidade, mas a ancestralidade se faz presente no corpo através da dança e dos ritmos, são impressões que tive

observando eventos na escola. Vivem em uma periferia que engole a comunidade, que as condições sociais são precárias, que a escolaridade é baixa e a criminalidade bate na porta.

Desde quando a escola oficializou que atende estudantes que são da comunidade remanescente do quilombo, passou pela reelaboração do seu projeto político-pedagógico e desenvolve algumas culminâncias de integração escola-comunidade com a temática de africanidades. Essas experiências tem contribuído para que os docentes e gestores dialoguem sobre as demandas da escola e busquem construir com os estudantes novos olhares sobre a cultura e a condição de ser negro.

Um evento comentado como marco diferencial pelos funcionários da escola e registrado em entrevista, foi uma oficina de turbantes na semana da consciência negra de 2016. A oficina voltada para a estética, permitiu as meninas observarem a beleza que possuem e as possibilidades de conviver com o cabelo natural. Segundo relatos de professores a oficina contribuiu para melhorar a autoestima, principalmente das meninas, que segundo depoimentos, eles tinham vergonha de si, da cor da pele, dos cabelos, de andar de cabeça erguida e de ser quilombola.

Quando a escola se dedica a um projeto político pedagógico voltado para seus estudantes e consegue promover atividades como essa, percebemos o quanto a cultura e os saberes locais devem permear o espaço escolar. E o quanto a educação precisa se descolonizar para não ser apenas depósito de conhecimento. Outro efeito positivo foi a participação delas nas aulas, que antes não acontecia e uma integração maior dos estudantes nos eventos da escola. Então, melhorar a autoestima das meninas promoveu uma afirmação de si, essa nova maneira de se olhar, e foi se propagando na comunidade o uso dos cabelos naturais com cachos ou tranças.

Percebemos que é necessário compreender como vivem as novas gerações e como elas se percebem, para viverem a sua cultura. Esse processo de reflexão quer fortalecer a luta travada pela associação quilombola com alguns integrantes da escola que são da comunidade para a oficialização da educação escolar quilombola.

Referências

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

CANDAU, Vera Maria e MOREIRA, Antônio Flávio. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CARVALHO, Maria Letícia de Alvarenga. *Quilombo de Conceição das Crioulas*. Belo Horizonte: FAFICH, 2016.

COSTA, Iany Elizabeth da. *A Ressignificação da Identidade Quilombola na Comunidade de Paratibe, João Pessoa-PB: uma análise a partir dos processos de resistência*. Dissertação de mestrado. João Pessoa: UFPB/PPGDH, 2016.

DUARTE, Rosália. 2002. PESQUISA QUALITATIVA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, mp. a1rç3o9/-125040,2 março/ 2002 139

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GONÇALVES, Maria Ronízia. *Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola de Paratibe*. In: Incra, João Pessoa, 2012.

NASCIMENTO, Pablo Honorato. *Direitos Territoriais e Culturais das comunidades quilombolas: O caso de Paratibe frente à expansão urbana de João Pessoa*. Monografia de Especialização da Fundação escola Superior do Ministério Público do Estado da Paraíba. Centro Universitário UNIPE, 2010

VEIGA-NETO, A. *Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade*. In: COSTA, M.V. (org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.